

COMUNICAÇÃO: “CAMINHANDO COM FRANCISCO DE HOLANDA”Maria Luiza Zanatta¹**Introdução**

Nos últimos 20 anos muitas pesquisas vêm sendo realizadas com o objetivo de promover um maior desenvolvimento da História da Arte e da Arqueologia no Brasil, relacionando-as com a produção internacional da área. A Unicamp tem realizado anualmente encontros no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas onde são propostos debates de temas relevantes alcançando um público amplo e interessado.

São muitas as reflexões sobre a Arte, a Arquitetura, sobre a trajetória dos temas clássicos da Antiguidade envolvendo ampla discussão sobre literatura artística e tratados de Arte, nosso patrimônio cultural e artístico e nossa herança colonial, motivando o surgimento e o desenvolvimento de novos estudos e pesquisas amplamente reconhecidas nacional e internacionalmente através do patrocínio de diferentes instituições (FAPESP, Capes, CNPQ, entre outros).

Estes encontros têm propiciado o intercâmbio de pesquisas desenvolvidas nas principais universidades brasileiras atraindo inclusive a atenção de estudiosos estrangeiros, sendo prestigiados por figuras exponenciais como a da Professora Sylvie Deswarte-Rosa (Université de Lyon 2), uma das mais renomadas especialistas da história da cultura artística do Renascimento, que esteve presente no IV Encontro realizado em dezembro de 2008³.

A professora Sylvie tem pesquisado desde 1971, publicando algumas obras decisivas sobre a arte em Portugal e sobre a figura de Francisco de Holanda, um dos principais expoentes da reflexão estética no Renascimento português, que permanecera praticamente ignorado até o século XIX, como ela mesma fez questão de destacar, quando sua obra literária manuscrita passou a ser conhecida pelos estudos de Raczynski.

¹ Maria Luiza Zanatta Arquiteta, mestre na área de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo pela FAU-USP e doutoranda pela mesma instituição com pesquisa patrocinada pela FAPESP orientada pelo Prof. Dr Luciano Migliaccio: mlzanatta@usp.br.

² Retrato de Francisco de Holanda extraído de Lemos, Maximiano “Enciclopédia Portuguesa Ilustrada”, Porto, Lemos & Cia, s.d., volume 5, p.599 (pertencente a Casa de Portugal de São Paulo).

³ A visita da Professora Sylvie Deswarte-Rosa foi de extrema importância para esta pesquisa, pois pudemos elencar uma série de publicações que contribuirão diretamente para o desenvolvimento do trabalho. A estudiosa mostrou-se atenciosa tendo demonstrado particular interesse em colaborar com o trabalho, fez algumas sugestões com relação ao tema e indicou alguns títulos que em sua opinião são imprescindíveis para a tese. Pudemos observar a maneira como conduz suas investigações, o cruzamento de imagens de fontes diversas mas pertencentes ao mesmo meio artístico- cultural.

Iluminador por gosto e aprendizagem familiar, arquiteto por vocação desenvolvida em contato com os monumentos da Itália, crítico e historiador pela influência erudita do meio em que se criara e vicejara, Francisco de Holanda, filho de um iluminador ilustre (Antonio de Holanda), nascido em Lisboa por 1518, é hoje dentro do campo da arte, a figura mais conhecida internacionalmente do nosso século de quinhentos⁴.

No século XV e XVI das grandes descobertas através das grandes navegações, o contato com outros povos e outras culturas propiciam uma mudança de mentalidade e uma nova visão de mundo que se reflete nas artes, nas letras, nas ciências e nos costumes.

Nesta comunicação serão feitas considerações sobre algumas das “idéias e imagens” de Francisco de Holanda, um reconhecido representante do Renascimento em Portugal. De fato, ao analisarmos a obra, no seu conjunto, verificamos que nos encontramos, sem sombra de dúvidas, perante um dos grandes vultos da Renascença portuguesa que, ao regressar da Itália em 1540, teve destacado papel no campo teórico-artístico durante a regência de D. João III e de D. Catarina. Entre as obras de Holanda que maior interesse histórico oferecem, conta-se o tratado *Da Fabrica que falece à cidade de Lisboa*, de 1571, impresso pela primeira vez em 1879: um tratado acerca da necessidade que a cidade de Lisboa tinha de ser reedificada em sintonia com as novas regras arquitetônicas da época, seguindo modelos recolhidos pelo autor em terras italianas quando bolseiro régio, no Álbum de *Antigualbas*.

A criação das Academias e os escritos sobre Arte foram instrumentos decisivos na reivindicação da mudança de estatuto das artes do desenho, até então consideradas ofícios mecânicos e submetidas aos regulamentos corporativos das cidades. Sempre preocupado com a nova dignidade alcançada pela Arte e pelo artista nos principais círculos italianos, o artista-teórico se mostrou consciente de viver na chamada Renascença, acalentando certa veneração pela Antiguidade e pela História presente de modo geral no conjunto dos seus manuscritos.

Nossa pesquisa que visa preparar uma edição anotada e comentada do manuscrito *Da Fabrica que Falece a cidade de Lisboa* e que atualmente conta com o patrocínio da FAPESP, vem sendo amplamente enriquecida pelas discussões promovidas nos encontros de História da Arte da Unicamp, onde podemos contar com um importante acervo bibliográfico.

Nesta oportunidade, lembraremos a vinda ao Brasil do manuscrito original da *Fabrica que Falece*, pertencente à Biblioteca da Ajuda em Portugal, acompanhando a Biblioteca dos reis e da Corte no Rio de Janeiro a partir de 1807 e também a preparação de uma cópia manuscrita por ordem do príncipe regente D. João VI em 1814, que atualmente se encontra na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.

O essencial sobre Francisco de Holanda

(Arquiteto, pintor, “desenhador”⁵, escritor e humanista)

- *1517/18, Lisboa.
- Com apenas 20 anos, gozava de certa fama, iluminava, desenhava e estudava as ruínas da antiguidade romana de seu país revelando raro talento.

⁴ CORREA, Vergílio, “*Archivo español de arte Y arqueología*”, num. XV_14, 1929, p.209.

⁵ Aos 20^ª anos Holanda desenhava e estudava as inscrições antigas e as ruínas romanas existentes em Portugal ao lado de Andre de Resende.

- Na Itália desde 1538 convivendo com humanistas e arqueólogos das academias aprendeu a discursar e a discutir idéias que no seu retorno a Portugal em 1540 serviram de alicerce para sua doutrina. Seu trabalho em Roma é o centro da sua viagem e a maior porção da sua produção artística.

- 1540 a 1547: “*Álbum dos desenhos das Antigualhas*”.
- 1543-1573: “*De Aetatibus Mundi Imagines*”.
- 1548: “*Da pintura Antiga*”.
- 1555: morte D. Luis.
- 1557: morte D. João III
- 1571: “*Da Fabrica que falece*” e “*Da ciência do desenho*”, dedicados a D. Sebastião.
- 1576: Liberação para circulação da obra “*Da Fabrica que Falece*”.
- +1584, Sintra.

O manuscrito “*Da Fabrica que falece a cidade de Lisboa*”



Fig 2 – Frontispício da obra⁶

Este pequeno “tratado”, encadernado junto a outro manuscrito “*Da ciência do Desenho*”, é atualmente o único dos manuscritos originais de Holanda que se encontra em Portugal e que, num certo sentido, pode ser interpretado como o resultado dos seus

⁶ Original Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda - Lisboa cota: 51-III-9 Frontispício cuidadosamente desenhado, com a inscrição latina: “*VIRTUS IN INFIRMITATE PERFICITVR*” – A virtude na incerteza se aperfeiçoa!

estudos feitos em companhia de humanistas portugueses, bem como das suas experiências vivenciadas durante viagem à Itália (1538-1540), que o levaram ao enriquecimento teórico e ao posicionamento prático no universo das artes. Frequentando o círculo artístico romano e o ambiente da Academia Antiquária de Lattanzio Tolomei, tomou conhecimento dos projetos urbanísticos de Michelangelo para Roma, o que certamente contribuiu de maneira direta na sua formação artística e que se reflete numa concepção própria, da Arquitetura e da Cidade, objetivando transformar Lisboa num elo de ligação com as demais cidades portuguesas. **(Fig 2)** No título do manuscrito a palavra “Fábrica” (que segundo o autor falece...) refere-se aos edifícios que faltavam à principal cidade portuguesa, Lisboa capital do reino.

Este manuscrito é da maior relevância no que se refere a história da cidade de Lisboa e da cultura artística portuguesa, documentando os esforços e a mobilização de D. João III e sua Corte para colocar o império português em expansão em dia com os desenvolvimentos urbanísticos realizados em Roma e em outros centros europeus a partir do exemplo romano.

O reinado de D. João III diferenciou-se dos demais por privilegiar comportamentos cortesãos renascentistas – como o de *Francisco de Holanda considerado um seu impulsionador estético*⁷ - reunindo em sua volta um círculo significativo de literatos, humanistas, do qual tornou-se protetor no campo das artes e das letras.

O programa para a cidade de Lisboa, elaborado por Holanda, apesar de *ser* datado de 1571, certamente já havia sido cogitado no período joanino, provavelmente após o tremor de terras de 1531, quando a Corte em Évora passou a residir em Lisboa e surgiram necessidades de adequação da cidade ao seu novo papel. Esta data é marcada por um momento de grandes transformações na cidade, promulgados pelo rei, que lançara um programa similar de grandes obras.

O arquiteto neste período denominado Era do humanismo, imita a História e nela encontra, aprioristicamente, valores considerados perfeitos e eternos. Assim como no urbanismo passa-se a enfatizar o poder civil, também a arquitetura se voltará para os edifícios de modo que possam refletir uma nova ordem advinda da expansão comercial e não somente aquela das igrejas e templos da época medieval.

Inúmeros palácios passarão a expressar uma nova postura em relação à cidade e à arquitetura: seja através do tamanho, da composição formal geométrica ou da utilização das ordens clássicas, o edifício representa a posição e o poder da família que o habita, no novo e mais amplo contexto burguês característico da cidade moderna. Isso não significa que a igreja deixou de ter importância, mas ao contrário reflete um universo matematicamente organizado, de um novo conceito de ordem menos subordinado às categorias metafísicas e religiosas.

A referência para a construção do plano de lembranças de Holanda será a das cidades italianas que já no Quatrocentos passaram por um período de muitas transformações e nos finais do século XV e início do XVI verifica-se que “todas as terras da Itália” vinham sendo radicalmente transformadas por operações urbanas de forte impacto ideológico. As mais frequentes observavam as ampliações e reformas estruturais das fortificações e das portas (Imola, Carpi, Mirandola, Rivarolo, Bozzolo) e numa fase sucessiva, algumas intervenções perseguiram especificamente esta idéia da cidade ideal. A conquista de novas terras, a formação de novas alianças relativamente estáveis, o uso de

⁷ SERRÃO, Vitor. “*A pintura maneirista em Portugal*”, Biblioteca Breve, volume 65, Lisboa, p.23.

novas armas, acarretaram numa nova mudança de mentalidade, envolvendo todos os aspectos do conhecimento e das estratégias territoriais⁸.

Holanda certamente se dá conta de que, ao nível urbanístico, a cidade não era mais a livre comuna que se autogoverna e que decide autonomamente o próprio desenvolvimento urbano, mas se torna a capital de uma organização regional, sede de um organismo estadual dirigido e dominado por uma única vontade, a do “senhor”, orienta-se ela própria para tornar-se monumento, representação ou demonstração visível da harmonia bem dirigida que reina no interior do Estado: é o tema da cidade ideal, em que os opostos se contrabalançam e a razão organiza, segundo a geometria, todas as coisas⁹.

No tratado sobre a cidade o português colocou as necessidades da urbe de ser reedificada em “*sintonia com as novas regras arquitetônicas da época*”¹⁰, seguindo portanto o modelo apreendido durante sua estadia na Itália. Esta obra concluída “*em julho no monte*” é composta por um prólogo e doze capítulos, sendo o prólogo iniciado por uma lembrança endereçada a D. Sebastião, comparando a fortaleza e o reparo espiritual da alma e a fortaleza e reparo material da cidade de Lisboa.

Os jesuítas entraram em Lisboa em 1541 e por volta de 1550 eram já os senhores todo-poderosos do país, embora algumas cidades e províncias se furtassem do seu jugo. Eles souberam dificultar a regência da rainha D. Catarina e do cardeal D. Henrique; em nome do herdeiro D. Sebastião (1557-78), Portugal tornou-se o local dos padres confessores do rei e seus partidários¹¹.

Holanda oferece seus préstimos ao rei, na condição de arquiteto que pensava a cidade:

“[...] em razão de tão descomposta esta Lisboa de fortaleza e quão desordenada do que importa, sendo ela a cabeça deste reino e a coroa de Vossa Alteza, esforcei-me, dar para sua justificação e ornamento, esta lembrança a Vossa alteza e a Lisboa, ou para se servir dela em o presente, ou para o tempo que está por vir” (p.12).

O termo “Lembrança” presente no manuscrito *Da Fabrica que Falece a Cidade de Lisboa* assume significados curiosos ao longo da narrativa: o artista queria ser “Lembrado” para as encomendas régias; o arquiteto queria lembrar e retomar antigos projetos concebidos ao lado de D. Luis durante o reinado de D. João III, quando se primava pela segurança, pela beleza e pelo bom funcionamento da cidade; o teórico renascentista queria lembrar D. Sebastião da grandeza de Lisboa e da importância de transformá-la na Nova Roma, a Capital do novo império marítimo.

Quando preparou o manuscrito *Da Fabrica*, sua situação em Portugal era já bastante delicada, estava à margem dos trabalhos artísticos; querendo ser “útil” a sua pátria, o arquiteto usou a cidade como pretexto para seus últimos suspiros teóricos. Este plano dedicado a Lisboa composto de 12 capítulos, contendo 22 ilustrações apresentando no prólogo inicial, a dedicatória ao rei D. Sebastião, aquilo que ele chamou de “*Lembrança*”.

“[...] E considerando eu quão descomposta esta Lisboa de fortaleza quanto desordenada do que lhe muito importa, sendo ela a cabeça deste reino e a coroa

⁸CALABI, Donatella, “*La città del primo Rinascimento*”, Roma, Editora Laterza, 2006, pp.8-9.

ARGAN, G. C., “*Historia da Arte Italiana: De Giotto a Leonardo*”, Vol 2, São Paulo, Cosac & Naify, 2003, p.270.

¹⁰ GANHÓ, Maria de Lourdes S., “*O Essencial sobre Francisco de Holanda*”, Portugal, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006, pp.69-73.

¹¹HAUPT, Albrecht “*A ARQUITECTURA DO RENACIMENTO EM PORTUGAL*”, Lisboa, Editorial Presença, 1986, p.34.

dela vossa alteza, esforcei-me para sua fortificação e ornamento, esta lembrança a Vossa alteza e a Lisboa ou para dela servir em o presente, ou para o tempo que esta por vir”.

Deixando claro seus objetivos, ele afirma querer “*imprimir nobreza de arquitetura e arranjo urbanístico*” para a cidade, naquele momento ou no futuro. Francisco de Holanda, através deste texto ilustrado, demonstra ter consciência de que as imagens poderiam auxiliar na educação do Príncipe e da Corte, além de servir também para propaganda política de Portugal a outros reinos e repúblicas.



Fig 3 – Figura de Lisboa, FL.2v do manuscrito *Da Fabrica que Falece* (1571)

A rainha dos mares e oceanos foi representada como uma figura feminina coroada por torres, carregando nos braços o instrumento das suas conquistas, as caravelas. Tem um olhar entristecido, quase sem esperanças, como o de quem não vem recebendo cuidados, atenção e por isso gostaria de ser Lembrada.

Holanda foi revelado a Europa em 1846 (Raczynski) e passou a ser objeto de investigação mais acurada por historiadores da Arte e da Arquitetura; atualmente a importância e o valor artístico e crítico de Francisco de Holanda para a História da arte européia vem sendo comprovado e divulgado através de diferentes publicações e estudos dos seus tratados artísticos originais.

O manuscrito original encontra-se na Biblioteca nacional da Ajuda (cota: 51-III-9), depois de muitas ocorrências: esteve na Biblioteca do Conde de Redondo em 1748; foi comprado pelo Rei D. José; seguiu com a Corte para o Rio de Janeiro em 1807; voltou com a corte a 3 de julho de 1822.

Existe na Academia das ciências de Lisboa uma cópia manuscrita, mandada fazer por ordem do Príncipe Regente D.João VI em 1814. (Fig 3) Conhecemos quatro edições impressas do manuscrito *Da Fabrica que falece a cidade de Lisboa* (1571):

- A edição crítica elaborada pelo Dr. Joaquim de Vasconcellos, Porto - 1879, uma edição com 24 páginas textuais, mas no geral sem imagens.

- A edição preparada por Alberto Cortez apresentada por Virgílio Correa em Madrid, 1929 (edição com 14 páginas textuais e os desenhos);

- A edição volumétrica, com 544 páginas, publicada no formato fac-similar por Jorge Segurado na Academia nacional de Belas Artes, em Lisboa em 1970, uma obra repleta de ilustrações sobre prováveis obras de Francisco de Holanda. O trecho que trata “*Da Fabrica que falece à cidade de Lisboa*” ocupa 63 páginas preenchidas com texto e ilustrações em tamanho natural, acompanhada de comentários e observações do ponto de vista da Arquitetura;

- A edição do padre José da Felicidade Alves com pequenas intervenções, a fim de tornar a grafia mais atualizada.

O objetivo de nossos estudos é a elaboração de uma versão anotada e comentada do texto *Da Fabrica que Falece* que permita um melhor entendimento das idéias e imagens de Francisco de Holanda.

Os procedimentos que irão nortear o desenvolvimento do trabalho:

- Transcrição do manuscrito original (1571);
- Atualização da ortografia e pontuação sempre que necessário, objetivando uma melhor compreensão do texto, assinaladas nas rotas de rodapé;
- Reprodução das imagens publicadas em Fac-simile de Jorge Segurado, 1970.
- Os comentários explicativos do texto e das imagens, devidamente numerados, estarão reunidos num capítulo específico em anexo, individualizando as fontes portuguesas e italianas, seja no âmbito figurativo, seja no âmbito textual.

Considerações Finais:

Em *Da Fabrica que falece à cidade de Lisboa* (1571) o teórico retoma velhas questões insistindo nas urgências urbanas. Apresenta uma série de imagens, isto é, lembranças de melhoramentos para Lisboa: portas, pontes, calçadas, igrejas, palácios e fortificações que conferiram a Holanda a condição do arquiteto que pensa a cidade. Analisando sua obra, encontramos elementos que nos auxiliam a compreender suas idéias de Arquitetura e de Cidade e nos abrem uma perspectiva para verificar a hipótese de que seu tratado possa ter influenciado de alguma forma a urbanização das colônias portuguesas, com ênfase especialmente no Brasil (Salvador).

Bibliografia

ALVES, José das Felicidades, “*Introdução ao Estudo da Obra de Francisco de Holanda*”, Lisboa, Livros Horizonte, 1986, p.187.

BURY, John, “*Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*”, Brasília, IPHAN, 2006, p.173.

DESWARTE, Sylvie, “*Il Perfetto Cortegiano D. Miguel da Silva*”, Roma, Bulzoni, 1989.

_____, “*Idéias e Imagens de Portugal na época dos Descobrimentos – Francisco de Holanda e a Teoria da Arte*”, Lisboa : Difel, 1992, p. 9-54.

_____, “*Francisco de Holanda: Maniera e Idea*”, in “*A Pintura Maneirista em Portugal: Arte no tempo de Camões*”, Catálogo impresso por Printer Portuguesa , 1995, p. 58-89.

_____, “*Il modello Italiano nell’ arte*” in “*Il Portogallo dalle origini al Seicento*”, Firenze: Instituto Camões, 2001, p.355-372.

HOLANDA, Francisco de, “*Da Sciencia do Desenho* ”/VII/20 in SEGURADO Jorge, “*Francisco D’Ollanda*”, Lisboa, Edições Excelsior, 1970.

_____, “*Da Pintura antiga*” – Livro I, capítulo XIII, introdução e notas Angel Gonzalez Garcia, Lisboa: Coleção Artes e Artistas, 1983, p.87- (P.A. I, 13).

_____, “*Da Fabrica que Falece a Cidade de Lisboa*”, com introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1984, Fl. 14v.

_____, “*Álbum dos Desenhos das Antigualhas*”, Introdução e notas de José das Felicidades Alves, Lisboa, Horizonte, 1989, p.13.

NUNES, Pedro “*Obras Completas*”, Academia de Ciências de Lisboa, 1940, p. 175.

PANOFSKY, Erwin, “*Idea: A Evolução do conceito de Belo*”, São Paulo: Martins Fontes, (1994), 2000, p.71-98.

SEGURADO Jorge, “*Francisco D’Ollanda*”, Lisboa, Edições Excelsior, 1970.

SMITH, Robert C., “*A arte Barroca de Portugal e do Brasil*”, 1949.

VILELA, José Stichini, “*Francisco de Holanda – Vida, Pensamento e Obra*”, Biblioteca Breve, Portugal, 1982, p. 40-41.